

RESENHA

JOAS, H.; KNÖBL, W. **Teoria Social: vinte lições introdutórias**. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 2017. p. 402-431. (Coleção Sociologia).

Letícia Gonçalves de Mattos¹

Publicada pela Editora Vozes, a obra de 649 páginas, foi apresentada no Brasil em meados de 2017, traduzida por Raquel Weiss, professora associada do departamento de Sociologia e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFRGS. A obra está organizada em vinte capítulos, os quais os autores denominam “lições”, visando auxiliar professores e alunos da área de Ciências Sociais.

Seus autores são renomados sociólogos de origem germânica. Hans Joas desfruta de amplo prestígio em seu campo de atuação. O exemplar aqui resenhado é resultado de suas aulas como professor visitante na Universidade de Chicago em 1985. Já Wolfgang Knöbl, o mais jovem dos dois autores e, que também tem sido professor assistente em universidades estadunidenses, colaborou planejando e aprimorando essas aulas.

Knöbl participou de uma conferência no Brasil, no 38º Encontro Anual da Anpocs, em 2014, posteriormente publicada na RBCS Vol. 30 n° 87 fevereiro/2015, intitulada *Reconfigurações da Teoria Social Após a Hegemonia Ocidental*².

A coletânea *Teoria Social: vinte lições introdutórias*, foi elaborada em uma linguagem acessível, pois, de acordo com os autores, esperam que “nosso exame da teoria social satisfaça as necessidades tanto dos estudantes de ciências sociais como daqueles leitores que não são especialistas (...) Em favor da intelegibilidade, mantivemos o estilo mais coloquial, característico da oralidade de uma aula” (Joas;

¹ Professora na Prefeitura Municipal de Cardoso Moreira. Mestranda bolsista CAPES no Programa de Pós-graduação em Sociologia Política (PPGSP) na Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). Pós-graduada em Educação pela Faculdade Única de Ipatinga (FUNIP) e pós-graduada em Gestão pela mesma instituição. Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense (2021) e em História pela FUNIP. mattosgleticia@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7634112001807752>

² [RECONFIGURAÇÕES DA TEORIA SOCIAL APÓS A HEGEMONIA OCIDENTAL Wolfgang Knöbl](#)

Knöbl, 2017, p. 9).

No décimo quinto capítulo, os autores discorrem sobre a teoria bourdieusiana. O argumento geral dos autores é de que Bourdieu “estimulou o debate teórico por meio de seu trabalho empírico” (Joas; Knöbl, 2017, p. 402). O capítulo intitulado *Entre Estruturalismo e Teoria da Prática – A sociologia cultural de Pierre Bourdieu*, é iniciado com uma breve descrição biográfica, afirmando que Bourdieu se aproximou consideravelmente de Habermas, Luhmann e Giddens, pois ambicionou um projeto teórico sintético e assim “se tornou um dos mais influentes sociólogos ao redor do mundo a partir da década de 1970” (Joas; Knöbl, 2017, p. 402).

Inicialmente, Bourdieu construiu sua carreira na filosofia, porém, ao decepcionar-se com ela, ele se aproximou cada vez mais da antropologia, influenciado pela ascensão de Lévi-Strauss, “o tom antifilosófico do estruturalismo trouxe muito apelo a ele” (Joas; Knöbl, 2017, p. 403).

Ao mesmo tempo em que realizava estudos antropológicos na Argélia, que vivia um contexto de guerra por independência, Bourdieu empreende uma análise sociológica da sociedade francesa. Aqui, ele buscava detalhar como a percepção de arte e cultura varia significativamente de uma classe à outra. Para tanto, elegeu os escritos de Marx como seu critério e modelo.

Os autores se preocupam em dividir seus argumentos em cinco partes. Primeiramente mantendo em foco o trabalho inicial de Bourdieu, ao mesmo passo que pretendem analisar criticamente seu modelo de ação. Posteriormente, se propõem a descrever a estrutura global de sua teoria e identificar seus pontos-chave. Em seguida, pretendem esclarecer aspectos da sociologia da cultura de Bourdieu e, por último, os impactos de seu trabalho.

Ao estudar a sociedade Cabília, Bourdieu chega a uma conclusão surpreendente. Sua análise não confirmou a premissa estruturalista acerca das regras, de acordo com as quais, as pessoas, supostamente, sempre agem. De outro modo, Bourdieu percebeu que as pessoas utilizam as regras como melhor lhes convier. Isso fica visível, quando o autor observa o comportamento desses indivíduos em relação a ideia de honra. A honra desempenha um papel dissociado da noção de interesses, principalmente econômicos, no entanto, Bourdieu percebe que os rituais de honra apenas mascaram os interesses, concluindo que “as pessoas apoiam rituais de honra porque eles possibilitam que promovam seus

próprios interesses” (Joas; Knöbl, 2017, p. 406).

Assim, Bourdieu responsabiliza o estruturalismo por ter ignorado que a ação dos atores sociais está conectada com interesses. Os indivíduos “(...) manipulam as regras e os padrões; elas não são objetos passivos de sistemas de classificação social” (Joas; Knöbl, 2017, p. 408). Bourdieu, então, inaugura elementos da ação em seu trabalho que, em tese, seria estruturalista, estabelecendo-se como um marco revolucionário no estruturalismo. Não obstante, Bourdieu nunca rompeu completamente com a teoria estruturalista, “o pensamento de Bourdieu se inclina fortemente na direção do estruturalismo (e por vezes também do funcionalismo). Assim, para ele, não é o ator individual que é o núcleo da chave analítica; Pelo contrário, são as relações entre os atores ou as relações entre as posições no interior de um sistema ou — como dizia Bourdieu — no interior de ‘campo’, que são cruciais” (Joas; Knöbl, 2017, p. 409).

Desse modo, Bourdieu constrói uma terceira forma de compreensão sociológica. Apropriando-se do estruturalismo e do marxismo materialista, ele aponta que existem relações dialéticas entre os campos e os atores, que se determinam mutuamente mediante essa inter-relação:

De acordo com Bourdieu, a ação geralmente adere à lógica prática, a qual frequentemente está moldada por requisitos de rotina e que assim não tem necessidade da capacidade para reflexão, que é exigida pelos teóricos da escolha racional. Determinado pela socialização, experiências tenras etc., certas disposições para ação estão carimbadas em nossos corpos; para a maior parte, estes podem ser restaurados sem consciência e predeterminam que forma a ação toma (Joas; Knöbl, 2017, p. 413).

Isso descreve o conceito de *habitus*. Desde criança, na escola, na família, no trabalho, somos ensinados e moldados quanto a nossos gostos, interpretações, nossos movimentos, etc., determinando nossas preferências na ação. Isso não anula nosso comportamento criativo e nossa possibilidade de desvencilharmo-nos dessa determinação:

No entanto, não conseguimos nos desprender totalmente desse *habitus*. Para isso é claro que existe não apenas um *habitus* na sociedade, mas que diferentes formas de percepção, pensamento e ação são inculcados em diferentes classes, através dos quais essas classes, e sobretudo as diferenças entre elas, são constantemente reproduzidas (Joas; Knöbl, 2017, p. 414).

Para explicar quais os interesses e por quais bens os indivíduos disputam dentro de um campo, Bourdieu desenvolve o conceito de *capital*. Ele rejeita a premissa de que essa competição seja, apenas, em busca de bens econômicos,

“sua preocupação é ressaltar como as lutas sociais dizem respeito a mais coisas do que utilidade financeira e ao capital econômico” (Joas; Knöbl, 2017, p. 416).

Bourdieu divide o conceito de *capital* em algumas categorias: capital cultural, capital social e capital simbólico, além da categoria de capital econômico. Esse último dispensa maiores explicações, pois se refere, basicamente, a posse de bens materiais e capital financeiro.

Capital cultural está associado ao conhecimento de livros, obras de arte, instrumentos musicais, demonstrando ampla capacidade e conhecimento de bens culturais, bem como títulos acadêmicos, concedendo a pessoa um véu de autoridade.

O *capital social* está ligado ao pertencimento a uma determinada família ou grupo de poderosos, por exemplo. Essas pessoas demonstram ter uma rede de contatos, podendo ser influentes por intermédio dessa rede.

E, por fim, o *capital simbólico* é um termo genérico que se refere aos outros capitais, fornecendo ao indivíduo um lugar na hierarquia com base na boa reputação, renome e prestígio na sociedade.

Os autores tecem uma crítica a teoria bourdieusiana, acusando-o de não responder as questões acerca de como os interesses são percebidos pelos atores. De acordo com eles:

(...) mesmo se aceitarmos a sua “teoria do habitus”, que não afirma que a ação é inteiramente determinada, teríamos ainda que enfrentar o problema de explicar o espaço de manobra dos atores com respeito a ação, a flexibilidade da ação dentro das fronteiras definidos pelo *habitus* (Joas; Knöbl, 2017, p. 422).

Eles afirmam, ainda, que se a ação não é plenamente moldada e determinada pelo *habitus*, Bourdieu deveria, então, ter dado atenção aos aspectos não determinados da ação. Ora, a ação não é completamente moldada pelo *habitus*, mas, ainda que uma ação criativa seja possível, não é viável romper completamente com o comportamento habitual, “porque o *habitus* é um aspecto de nossa história de vida ou de nossa identidade” (Joas; Knöbl, 2017, p. 414).

Tal crítica me parece carecer de fundamentos, pois os próprios autores descreveram uma das críticas de Bourdieu ao utilitarismo, afirmando que essa última tem uma noção errônea dos processos de ação, acreditando que são guiados pela razão e pela reflexão. Bourdieu, ao contrário, argumenta que as ações realmente buscam realizar interesses, mas afirma que raramente o ator tem

consciência disso. Como observar a relação entre os atores e seus interesses se, a maioria esmagadora, sequer consegue se dar conta de que estão tentando satisfazer tais interesses?

Os autores parecem já ter respondido seus próprios questionamentos, pois afirmam que: “determinado pela socialização, experiências tenras etc., certas disposições para ação estão carimbadas em nossos corpos; para a maior parte, estes podem ser restaurados sem consciência e predeterminam que forma a ação toma (Joas; Knöbl, 2017, p. 413 grifo nosso).

O *habitus* não é completamente determinante, porque ele também é determinado pelos atores numa relação dialética. Thiry-Cherques (2006, p. 33) elucida: “O *habitus* gera uma lógica, uma racionalidade prática, irreduzível à razão teórica. É adquirido mediante a interação social e, ao mesmo tempo, é o classificador e o organizador desta interação. É condicionante e é condicionador das nossas ações”.

Ao longo desse capítulo, Bourdieu foi apresentado como um sociólogo singular, com uma incrível capacidade de conciliar teorias e propostas opostas. Não estando reduzida a um simples resumo, a obra traz reflexões, discussões e críticas ao trabalho de Bourdieu.

O livro apresenta uma leitura de fácil compreensão, como prometeram os autores e, certamente, é uma obra de grande importância, podendo prestar valioso auxílio a professores e estudantes.

REFERÊNCIAS

JOAS, Hans; KNÖBL, Wolfgang. **Teoria social: vinte lições introdutórias**. Petrópolis: Vozes, 2017.

RODRIGUES, L. P.; NARCISO, P. F. **Teoria Social: vinte lições fundamentais**. Caderno CRH, Salvador, v. 32, n. 87, p. 679-683, set./dez. 2019.

THIRY-CHERQUES, H. R. **Pierre Bourdieu: a teoria na prática**. *RAP Rio de Janeiro*, v. 40, n. 1, p. 27-55, jan./fev. 2006.